

AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A COMPREENSÃO DA POSIÇÃO FEMININA

2009

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado
como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de psicólogo

Carla Adriana Drago de Melo

Estudante do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Jorge Amado (Brasil)

carlaadrianadrigo@hotmail.com

Orientação:

Prof^ª Ana Laura Pepe

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo as contribuições da psicanálise para a compreensão da posição feminina e traz como objetivo geral investigar de que maneira a Psicanálise pensa o feminino enquanto gênero e enquanto constituição da subjetividade. Pensar o feminino constitui um caminho para compreender o laço social na nossa cultura, bem como, nos conduz a concebermos a subjetivação como uma forma sempre provisória e passível de transformação. A metodologia adotada para a elaboração deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, onde, através de artigos, livros e revistas especializadas e *sites* de Internet, pôde-se encontrar a fundamentação teórica necessária para dar embasamento ao trabalho, especialmente nas obras de Freud que tratam do tema. Discorre-se sobre o conceito de homem e mulher enquanto gênero. Analisa-se a constituição da sexualidade masculina e feminina, a partir da Psicanálise, enfocando o que ela traz como compreensão sobre a diferença entre os sexos. Descreve-se sobre os avanços da Psicanálise em relação a compreensão do feminino na esfera psíquica e os papéis da mulher na sociedade. Conclui-se que as enormes mudanças que ocorreram nos comportamentos e papéis das mulheres no último século, e o assombro dos homens e delas próprias em face dessas grandes transformações e dos novos papéis que a própria cultura pressiona nos dois sexos, intensificaram as investigações sobre esse tema.

Palavras-chave: Psicanálise, feminino, gênero, género

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo geral investigar de que maneira a Psicanálise contribui para a noção de feminino para além da noção de gênero, em direção da construção do conceito de posição subjetiva, na relação desta com a constituição da subjetividade.

Em muitos aspectos, investigar a posição feminina através do campo da psicanálise, remete a estudos ulteriores, feitos pelos especialistas que vindo de debruçar-se na esfera das pesquisas acerca do gênero, ampliam de alguma forma notável as motivações e as possibilidades de compreensão e interpretação dos valores do denominado universo feminino.

Neste sentido, a relevância deste trabalho se dá a partir do momento em que através do mesmo poderá se ter uma melhor compreensão da constituição da sexualidade, tanto no âmbito do gênero quanto da subjetividade, bem como dos papéis da mulher na sociedade, a partir da Psicanálise. Tais considerações poderão dar ao leitor um melhor entendimento sobre esta questão.

Há, certamente, no bojo do debate abarcado pelo assunto temático, um núcleo: compreender a alma feminina.

Porém, sem o corte investigativo, mesmo em bases e valores tipicamente acadêmicos, permitido pelo desnudamento dos fundamentos da ciência psicanalítica, o campo dos estudos de gênero, perderia referências e, assim, o debate arrefeceria.

É compreensível, portanto, verificar, *ab initio*, que o presente estudo está dividido, em uma primeira consideração sobre homem e mulher através dos estudos gênero; num segundo momento analisa-se a constituição subjetiva da noção de identidade masculina e feminina, a partir da Psicanálise, enfocando o que ela traz como contribuições à compreensão; num terceiro desenvolvimento descreve-se sobre os avanços da Psicanálise na compreensão da posição feminina e de suas relações com os papéis sexuais da/na sociedade.

A autoria da presente pesquisa pôde confirmar, junto á pluralidade substancial de especialistas consultados que a Psicanálise é ao mesmo tempo um modo particular de tratamento do desequilíbrio mental e uma teoria psicológica que se ocupa dos processos mentais inconscientes; uma teoria da estrutura e funcionamento da mente humana e um método de análise dos motivos do comportamento.

Neste diapasão, sabe-se que a psicanálise constituiu-se em um modo novo de abordar as condições psíquicas correspondentes a estados de infelicidade e a comportamentos anti-sociais, e deu nascimento ao tratamento clínico psicológico e psiquiátrico moderno (FREUD, 1976).

Na essência do ideário psicanalítico, o feminino se tomou um objeto privilegiado de investigação, assim como em outras ciências sociais. Mas não se pode correr o risco de dissociá-lo simplistamente dos demais fulcros essenciais descobertos pela Psicanálise, entre as quais os estudos de gênero são aqui peculiarmente enfocados.

Nas ciências sociais, e também na psicologia social o favoritismo do modelo masculino na teorização do campo das diferenças entre os sexos foi criticado, gerando o desenvolvimento de novas investigações que trouxeram à tona novos conceitos e teorias nestas e em outras disciplinas.

Pode-se afirmar, assim, que o enigma do feminino se organiza de formas distintas de pesquisa nas várias áreas, porém o efeito científico mais relevante dessa mudança foi o desenvolvimento dos estudos sobre as mulheres.

Uma das linhas desse debate se refere à contribuição dos estudos sobre as mulheres para uma objetivação da oposição, conceptual e analítica, entre as categorias homem e de mulher, tornando outras categorias irrelevantes.

De fato, a influência desta estratégia política na investigação científica conduziu à relevância conceptual das noções de masculino e de feminino, com o objetivo explícito ou implícito de tornar visível a especificidade do pensamento e da prática das mulheres, em vez do sentido do feminino, ao ponto de se atribuírem diferentes modos de pensar e fazer ciência a homens e mulheres.

Nesta perspectiva geral, descrita até aqui nestas linhas introdutórias, estabelece-se uma correspondência entre sexo e gênero que transporta consigo um curioso por assim dizer, consonância.

Ou seja: é preciso abordar, de forma permanente, os vínculos existentes entre os valores da psicanálise e o universo feminino, para que a contribuição de uma seja efetivamente ferramental para interpretar a outra esfera de conhecimentos e de peculiaridades natural e reciprocamente realimentadas a cada novo estudo.

A QUESTÃO NOS TEMPOS PSICANALÍTICOS ATUAIS

Costumamos ressaltar que a psicologia, apesar de seu foco sobre os indivíduos e de ter se ocupado tradicionalmente com as questões das diferenças individuais, tendo inclusive constituído uma subárea de psicologia diferencial para a qual as diferenças de sexo (como sempre foram tratadas) são fundamentais, não esteve nas linhas de frente no movimento de construção do campo de estudos feministas e dos estudos de gênero.

Pelo contrário, chega ao campo, fundamentalmente interdisciplinar, quando ele já se consolidava em outras áreas das ciências humanas sociais.

Pensar o feminino constitui, sem dúvida alguma, um caminho para compreender o laço social na nossa cultura.

Mais ainda: pensar o feminino conduz a concebermos a subjetivação como uma forma sempre provisória e passível de transformação: não eterna e não universal.

Por muitos aspectos, se a comunicação com a psicologia não se faz tão efetiva nos momentos mais iniciais dos estudos feministas e de gênero, estes são fortemente marcados pelo diálogo, muitas vezes carregados de tensões, com a psicanálise.

Este diálogo dos estudos feministas com a psicanálise é uma questão de interesse nas pesquisas, fundadas que são em nossas concepções de constituição de sujeito – sujeitos de gênero, geração, classe, etnia.

A tradução dos escritos de feministas e estudiosas de gênero, a par das questões decorrentes das viagens das teorias analisadas por Claudia Lima Costa (2000) entre outras/os, tem considerável importância na difusão e no diálogo teórico intra e interdisciplinas.

Na concepção de Arán (2006), a cultura que compreende o feminino e o masculino como identidades fixas se constrói a partir de um sistema hierárquico de categorias binárias. A diferença entre os sexos na cultura ocidental ficou amarrada a uma organização simbólica na qual masculino e feminino estiveram sob o efeito de uma relação de dominação. A partir da análise deste contexto do binarismo sexual Arán nos leva a pensar se seria possível pensar a diferença fora do sistema sócio-simbólico da dominação masculina. É exatamente o que acontece com os estudos que se organizam na compreensão do feminino através da análise da relação homem mulher enquanto gênero.

Porém, outro lugar para a diferença entre os sexos se anuncia, trazendo consigo a possibilidade de novas formas de sociabilidade. A diferença que não fixa a identidade, mas, ao contrário, impõe um limite ao princípio de identidade, pode conduzir à experiência de um encontro que escapa à alternativa domínio-servidão. Aqui se situa a contribuição da psicanálise, que ao desvincular o sexo de sua suposta determinação biológica permite pensar a sexualidade em termos de identidade sexual e escolha de objeto sexual não necessariamente correlata a estrutura biológica do sujeito, dando a concepção de masculino e feminino uma aceção que vai além do gênero.

Por este lado, o feminino como o outro da cultura abala a equivalência que sempre se fez entre sujeito, masculino e razão, a ponto de podermos dizer, com Nietzsche, que o feminino exerce uma crítica imperiosa à idéia de razão. Se a construção da cultura ocidental se deu como correlata da construção da identidade masculina, introduzir o feminino na cultura conduz a uma transformação desta última (ARÁN, 2006).

Sobre “cultura feminina” Arán (2006) adverte que não adianta simplesmente substituímos um binarismo por outro, no qual o feminino seria visto como superior. Trata-se, antes, de uma nova forma de pensar a alteridade, a partir da qual se afirma que "A questão é como, no exercício da alteridade, não reproduzir o modelo masculino onde o outro — eternamente feminino — assume o lugar do objeto e o Um — masculino — se forja como universal."

Arán ainda considera que “se o feminino ficou como o Outro da civilização ocidental, e como tal foi excluído em nome do princípio de identidade, resgatá-lo como positividade inclui admitir o Outro como diferença, isto é, como o que oferece um limite à identidade”. Neste âmbito, é primordial o olhar do psicanalista sobre o campo do excesso pulsional, já que é nele que encontramos uma forma de conceber a diferença que escapa ao “verticalismo e à hierarquia”. Na perspectiva destes enunciados, somos convidados a vislumbrar novas formas de sociabilidade (ARÁN, 2006).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada para a elaboração deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, onde, através de artigos, livros, revistas especializadas e *sites* de Internet, pôde-se encontrar a fundamentação teórica necessária para dar embasamento ao trabalho. A pesquisa bibliográfica é utilizada na busca de ampliar e aprofundar os conhecimentos, dentro de um campo ainda em desenvolvimento complexo como o do feminino em uma abordagem mais ampla.

1. Homem e Mulher enquanto Gênero

A despeito de inicialmente, o gênero ter sido confundido com "papel sexual", por ater-se a uma visão funcionalista da sexualidade, atualmente, a concepção subjacente à visão materialista histórica e dialética é a que se refere ao sexo social e historicamente construído (CASTRO, 1991, apud FONSECA, 1997).

Na passagem do século XVIII para o XIX, surge a noção de que a desigualdade humana é o fundamento de toda sociedade adequada. As sociedades, afirma Saint-Simon (*apud* MANUEL, 1991), são conjuntos associativos e cooperativos de homens essencialmente desiguais. Este pensamento conservador nutre, modificado, a abordagem antropológica das diferenças de gênero do século XIX, exposta com brilho e sem ambigüidades na obra de Louis Dumont. Considerando a hierarquia — não mais como natural mas construída ideologicamente — uma pré-condição social, todas as sociedades produzem idéias/valores com as quais incorporam ou englobam os

elementos diferenciados — tais como gêneros, raças, castas, entre outros — dentro do conjunto social. O elemento incorporado é, por um lado, idêntico ao todo e, por outro, opõe-se a ele (AGUIAR, 1997).

Com base nos pressupostos acima, afirma-se que a definição de *gênero* implica em dois níveis, a saber: o gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças perceptíveis entre os dois sexos e o gênero como forma básica de representar relações de poder em que as representações dominantes são apresentadas como naturais e inquestionáveis (SCOTT, 1990, p. 34).

A objetivação do masculino e do feminino em entidades ontologicamente diferentes é, portanto, regulada por uma assimetria que atravessa todos os processos sócio-cognitivos que participam para essa construção do “ser” homem e do “ser” mulher. Munidos deste “saber”, os indivíduos orientam a sua percepção dos atores homens e mulheres na interação do cotidiano, de forma enviesada, uma vez que a atenção dedicada ao comportamento das mulheres não é orientada pelo reconhecimento de sua diferença enquanto indivíduos, mas sim pela acentuação dos limites dessa diferença, enquanto condição coletiva (AMÂNCIO, 1993).

Assumindo *gênero* como uma construção sociológica, político-cultural do termo sexo, Castro, chama a atenção para os seguintes pontos:

- que o sexo não seja visto como uma variável demográfica, biológica ou natural, mas que integre toda uma carga cultural e ideológica.
- a impossibilidade da compreensão do específico da identidade feminina, da posição da mulher na sociedade, da valorização ou desvalorização de seu trabalho, das divisões sexuais do trabalho/poder/exercício do erótico sem a compreensão do específico da identidade masculina e do que já de comum ao humano, já que o homem e a mulher são construções de gênero no humano;
- o gênero como realização cultural através de ideologias que tomam formas específicas em cada momento histórico. Ainda, afirma que tais formas estão associadas a apropriações político-econômicas do cultural que se dão como totalidades, em lugares e períodos determinados (CASTRO, 1991, apud FONSECA, 1997).

De acordo com Castro (1991) tal enfoque rompe com a visão de que as discriminações contra as mulheres se produzem pela perversidade natural dos homens, recolocando-a num sistema de relações que se "perpetua porque serve a interesses, ainda que não tenham sido diretamente engendrados para este fim" (apud FONSECA, 1997).

Em suma, pode-se dizer que a categoria gênero pressupõe a compreensão das relações que se estabelecem entre os sexos na sociedade, diferenciando o sexo biológico do sexo social. Enquanto o primeiro refere-se às diferenças anátomo-fisiológicas, portanto, biológicas, existentes

entre os homens e as mulheres, o segundo diz respeito à maneira que estas diferenças assumem nas diferentes sociedades, no transcorrer da história (FONSECA, 1997).

O sexo social e historicamente construído é produto das relações sociais entre homens e mulheres e deve ser entendido como elemento constitutivo destas mesmas relações nas quais as diferenças são apresentadas como naturais e inquestionáveis. Ao contrário, a análise mais profunda de tais relações revela condições extremamente desiguais de exercício de poder, onde as mulheres vêm ocupando posições subalternas e secundárias em relação aos homens. A utilização da categoria *gênero* pretende assim explicar, à luz destas relações de poder, as manifestações fenomênicas sociais das mulheres, entre elas, o processo saúde-doença (FONSECA, 1997).

Desta maneira, a incorporação desta categoria analítica na epidemiologia social é fundamental para a compreensão das desigualdades sociais e da qualidade que assume o processo saúde-doença em cada sujeito ou em cada grupo social. Em se tratando de mulheres, além do conhecimento das especificidades da biologia feminina, há que se conhecer e compreender as especificidades da condição da mulher no espaço social considerado. Não basta dizer e reconhecer a situação de subalternidade feminina no mundo contemporâneo. Há que se conhecer as formas assumidas por esta subalternidade e como ela se expressa no que toca à determinação do processo saúde-doença. Isto pode ser feito através de algumas sub-categorias que concretizam as desigualdades existentes entre os sexos histórica e socialmente construídos (FONSECA, 1997).

Na opinião de Fonseca (1997), uma das sub-categorias importantes é o perfil reprodutivo biológico, pela importância que tem assumido o controle do corpo feminino (inclusive sendo "causa" do aparecimento de manifestação de doença) para a contenção populacional no Terceiro Mundo, especialmente das populações das classes sociais subalternas. Quanto a isto, é importante frisar que a visão mais ampla e aprofundada é dada quando se utiliza concomitantemente as categorias gênero e classe social, para a compreensão da dupla subalternidade da maioria das mulheres nas sociedades onde é mais evidente o "colapso da modernização", considerando-se que este opera muito mais por exclusão que por inclusão social e que este processo penaliza muito mais as mulheres (FONSECA, 1997).

É preciso lembrar que em relação à manutenção e reprodução da força de trabalho os princípios capitalistas visam a redução numérica das classes sociais subalternas para manter o exercício de reserva dentro de limites que atendam a ordem social estabelecida. Esta contenção se faz, principalmente através do controle da sexualidade e da fecundidade feminina, por ser este corpo secundariamente valorizado na sociedade ocidental, historicamente androcêntrica e patriarcal. A valorização do masculino em detrimento do feminino estabelece uma hierarquia onde o homem é o chefe "natural" do grupo social (familiar), portador de um poder que lhe confere a primazia da decisão. Isto porque, como diz SAFFIOTTI:

"... o homem tem o poder apenas pelo fato de ser homem independentemente de suas capacidades. Este poder varia segundo sua inserção nas diferentes classes sociais, porém, existe sempre uma mulher com menos poder que o último dos homens" (1994, apud FONSECA, 1997).

Para ilustrar o princípio da hierarquia, Dumont (*apud* AGUIAR, 1997) recorre ao mito cristão da criação:

Deus criou primeiro Adão, ou seja, o homem indiferenciado, protótipo da espécie humana. Depois, numa segunda etapa, extraiu de algum modo desse ser indiferenciado um ser de sexo diferente. Eis, face a face, Adão e Eva, agora como macho e fêmea da espécie humana. Nessa curiosa operação, Adão, em suma, mudou de identidade, ao mesmo tempo que aparecia um ser que é membro da espécie humana e diferente do representante principal dessa espécie. Adão ou, em nossa linguagem, o homem, é duas coisas ao mesmo tempo: o representante da espécie humana e o protótipo masculino dessa espécie. Num primeiro nível, homem e mulher são idênticos; num segundo nível, a mulher é o oposto ou o contrário do homem. Essas duas relações, tomadas em conjunto, caracterizam a relação hierárquica, a qual não pode ser melhor simbolizada do que pelo englobamento material da futura Eva no corpo do primeiro Adão (DUMONT, 1985, *apud* AGUIAR, 1997).

Em seu trabalho Dumont mostra claramente a virtude de desvendar o fato de que a existência das mulheres, enquanto sujeitos sociais completos, sempre foi "domesticada" pelo pensamento antropológico clássico através da idéia de que o homem engloba, representa ou incorpora a mulher. Ele é a totalidade suficiente, ela é a parte insuficiente. Mas, nem mesmo ele é inteligível isoladamente.

Para Doise e Lorenzetti-Cioldi (1991) em Amâncio (1993), assim como os outros "vêm" os indivíduos do sexo masculino como homens, também as mulheres se "vêm" mais como mulheres e os homens "se vêm" mais como indivíduos.

Os efeitos da diferença e da parte não representável do seu oposto que aponta a incompletude, vai ter uma leitura diferente por parte da psicanálise.

Em 1923, no artigo sobre a organização genital infantil, Freud afirma que não há senão um sexo, o falo, em sua presença ou em sua ausência. O que significa que a falta do pênis, se reconhecida, é apenas enquanto falo (a menos) e não enquanto sexo feminino. Porém, é preciso lembrar que, se o falo comparece referido ao pênis é apenas porque aí está o seu avatar mais visível. E, portanto, dirá Freud que também a menina toma conhecimento de seu sexo com a

ajuda do significante fálico, sendo o clitóris um falo diminuído ou castrado. Daí então, Freud conclui que o sexo feminino enquanto tal, distinto do falo, *não é jamais descoberto* senão em sua negatividade (ANDRÉ, 1998).

Freud, em seu texto sobre a feminilidade (1931) finaliza o assunto com o seguinte trecho:

Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. (...) não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência da vida dos senhores, ou consultem os poetas (...).

Voltamos ao texto feminilidade para tratarmos do assunto a seguir, onde através de confirmações de Freud buscar-se-á entender mais sobre esta aceção sobre o feminino.

2. A concepção de masculino e feminino, a partir da sexualidade enquanto constituição psíquica

De acordo com Freud em seu texto “Feminilidade”, “aquilo que constitui a masculinidade ou feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia. [...] Dizemos que uma pessoa, seja homem ou mulher, se comporta de modo masculino numa situação e de modo feminino, em outra. [...] Quando dizem “masculino”, os senhores geralmente querem significar ‘ativo’, e quando dizem ‘feminino’, geralmente querem dizer ‘passivo’.

Para Freud uma mulher, mediante sua função sexual, prefere o comportamento passivo e tal comportamento tende a se estender por sua vida em várias outras ramificações, sendo que é a sua vida sexual que serve de modelo. Para o autor não é somente este ponto de partida que dá à mulher a passividade, mas também os costumes sociais tende a dar à mulher uma posição passiva.

Ao escrever sobre o complexo de Édipo, Freud aborda também as diferenças sexuais entre meninos e meninas, onde concorda que “ambos os sexos parecem atravessar da mesma maneira as fases iniciais do desenvolvimento libidinal”. Ele afirma que:

“Com seu ingresso na fase fálica, as diferenças entre os sexos são completamente eclipsadas pelas suas semelhanças”. Nisto somos obrigados a reconhecer que a menina é um homenzinho. Nos meninos, conforme sabemos, essa fase é marcada pelo fato de que aprenderam a obter sensações prazerosas do seu pequeno pênis, e correlacionam seu estado de excitação às

suas idéias de relação sexual. As meninas fazem o mesmo com o seu diminuto clitóris” (FREUD, 1931).

Com isso afirma, em seguida, que podemos manter nossa opinião de que na fase fálica das meninas é o clitóris a principal zona erógena.

A castração é elevada ao nível de conceito pela primeira vez em 1908, por Freud, em “Teorias Sexuais Infantis”, quando Freud escreve que, quando o menino descobre o sexo feminino, ele “escotomiza” sua percepção. Já em seu texto “Feminilidade” (1931) o autor considera que “o complexo de castração nas meninas também inicia ao verem elas os genitais do outro sexo”. De imediato percebem a diferença e, deve-se admiti-lo, também a sua importância. Sentem-se injustiçadas, muitas vezes declaram que querem “ter uma coisa assim, também”, e se tornam “vítimas da inveja do pênis”.

Em 1923, quinze anos mais tarde, ao escrever sobre a organização genital infantil, Freud passa a não mais ignorar e sim a reafirmar uma ignorância fundamental do sexo feminino, considerando que o menino bem percebe na mulher uma ausência de pênis, mas concebe-a como uma castração unicamente na medida em que ele próprio já foi exposto a uma ameaça de castração; ou seja, a mulher foi submetida àquilo de que ele mesmo está ameaçado. Discutindo o “Fetichismo”, num artigo que leva este nome, em 1927, Freud mostra uma nova noção, uma denegação que permite falar ao mesmo tempo da castração e a recusa desta.

É possível observar que ao longo da referida obra, ocorrem mudanças na opinião de Freud no que concerne aos efeitos da diferença de anatomia entre os sexos, bem como há uma primazia no que se refere ao falo.

Como a morte que só pode ser compreendida como uma espécie de não-vida devido a uma ausência completa de significantes próprios a ela - da mesma forma o feminino apenas pode ser acenado como o Outro do falo, encarnação da falta por excelência.

A posição feminina parece estar referida ao campo tanto da indiferenciação originária, quanto referida a uma suplementação que se impõe frente à limitação do universo fálico da representação, no qual o sentido nunca é suficiente para dar conta da vida.

Freud, ao concluir sobre a impossibilidade de se desvelar o mistério do feminino, não entende por isso que o menino e a menina não tenham consciência da *materialidade* da vagina. “Aliás, podemos ver diariamente o quanto às crianças se entregam precocemente a explorações que não deixam qualquer dúvida quanto ao seu conhecimento anatômico”. A vagina é bem conhecida como órgão, pedaço do corpo, mas não é reconhecida a nível significativa como sexo feminino (ANDRÉ, 1998).

Porém, o que a psicanálise nos revela é que a castração não se dá tanto pelo trauma anatômico, pelo temor de uma mutilação, quanto em função da posição que é atribuída a cada um

pelo discurso do Outro. Eis porque certos homens vão se alinhar do lado da mulher e certas mulheres vão se alinhar do lado do homem, sem que levem mais em consideração as realidades do organismo.

Entre as formulações originais de Lacan, é essencial a categoria do “Outro”, pois ela designa primordialmente, no interstício, o lugar vazio, mas também potencialmente preenche, elementos de linguagem de todo tipo, capazes de se inserir em minha enunciação, dando nela a entender um sujeito que não posso deixar de reconhecer como meu, sem nem por isso fazê-lo falar da minha maneira, nem saber o que ele quer: esse é o sujeito do inconsciente.

Este é o *Grande Outro* que antecede o sujeito, que só se constitui através deste - “o inconsciente é o discurso do Outro”, “o desejo é o desejo do Outro”.

Na visão psicanalítica de Lacan (1972), através de André (1998), este enfatiza a questão da necessidade que tanto meninas quanto meninos têm, de um *significante*, para poder se representar, a partir do Outro, a fim de amenizar essa falta.

Conforme André (1998),

Em suma, a castração, longe de se reduzir a um trauma anatômico, é efetiva no momento em que o sujeito constata que o desejo materno se orienta alhures, em direção a algo, a um Nome-do-Pai, que permita situar o mistério do falo. Este apenas comparece enquanto “a menos”, faltante, significante da pura diferença – por isso mesmo é também tido como “símbolo vazio”.

Há discordâncias quanto a este tema também no campo da psicanálise. Alguns psicanalistas, apoiados na teoria freudiana, privilegiam a idéia do feminino como alteridade, falta, carência, vazio, enquanto outros teóricos, desde os primeiros pós-freudianos, como Ernest Jones, Melanie Klein, Karen Horney, entre outros, procuram compreender as mulheres a partir de seus próprios padrões, não da falta, mas da presença de uma sexualidade com características próprias e não mais em referência à psicologia masculina. (HOLOVKO, 2008).

Florence Guignard (1999) também destaca que a figurabilidade dos órgãos de prazer sexual e de reprodução, anatomicamente ocultos à visão, são geralmente tratados como inexistentes dentro do modelo da teoria sexual infantil fálica, proposta por Freud (HOLOVKO, 2008).

De acordo com Holovko (2008) e Guignard (1999), a introjeção identificatória do materno e do feminino será particularmente requerida no plano do ego corporal em relação ao destino da mulher. Ressalta-se às experiências corporais especificamente femininas, com o seu marcado ritmo biológico: menstruação, gestação, menopausa, abortos, sensualidades. E estas têm forte impacto na construção da feminilidade e que muito frequentemente são desconsideradas em muitas análises. Uma grande importância ainda deve ser dirigida às experiências edípicas na

relação fundamental com a figura paterna para os destinos da sexualidade feminina (HOLOVKO, 2008).

3. O feminino e o papel da mulher na sociedade

Desde 1951 haviam dados dos quais se poderiam deduzir a existência de diferenças cruciais entre os motivos de realização nos homens e nas mulheres. Field (1951) havia demonstrado, que para elas o motivo para realização está ligado ao motivo para ser socialmente aceita, ser gostada. Tal problema só veio a ser considerado nos estudos de Matina Horner (1970), onde a pesquisadora demonstrava que as mulheres têm medo do sucesso, que é tido como incompatível com a feminilidade, o que pode interferir no fato de serem ou não amadas (GRACIANO, 1975).

Este exemplo mostra como a desatenção à existência de diferenças entre os sexos, acaba por mascarar fenômenos importantes. Tal desatenção ocorre na história dos campos da psicologia e psicanálise e acaba refletindo na tendência dos teóricos em negar, minimizar ou não buscar explicações para algumas diferenças que foram encontradas, como por exemplo, a realização nos estudos.

Tal crítica refere-se ao fato de que poucas teorias da psicologia consideram seriamente o peso que o estereótipo cultural do papel da mulher exerce sobre a sua formação psicológica. Apesar dos dados antropológicos de Margaret Mead (1949) mostrarem claramente que diferenças entre as “personalidades” masculinas e femininas são culturalmente e não biologicamente determinadas, por muito tempo permaneceu na psicologia a noção de que as características psicológicas das mulheres são decorrentes de sua natureza biológica (GRACIANO, 1975).

As características psicológicas que pode-se citar são: os sentimentos maternos, a emotividade, a dependência, a fragilidade, a passividade, o conformismo, entre outros. Já o homem é visto como agressivo, independente, egoísta e dominante, e tudo como fator “natural”.

Seja de forma direta ou indireta, várias teorias consideram como naturais as diferenças entre homens e mulheres, e assim explicam seus comportamentos, motivações e atitudes.

Uma crítica interessante à noção de traços masculinos e femininos, aparece na conferência de Freud, intitulada “A feminilidade”, que é parte das Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise (1933), onde Freud busca aplicar sua teoria ao desenvolvimento psicológico da mulher e comenta que o uso dos termos “feminino” e “masculino” em relação a estados psicológicos deve-se a uma generalização indevida do plano de diferenças anátomo-biológicas para o plano de diferenças mentais. Segundo ele, a noção de que o masculino é ativo e o feminino passivo só tem fundamento real na situação específica de fecundação, quando o espermatozóide busca ativamente o óvulo, que o espera. Além dessa situação Freud não encontra razão para se esperar passividade psicológica na fêmea.

Freud lembra que as mulheres em geral tendem a ser extremamente ativas, por exemplo, no cuidado com os filhos, e adverte textualmente que “fazer ativo coincidir com masculino e passivo com feminino (...) não tem nenhuma utilidade e não acrescenta nada ao nosso conhecimento” (FREUD, 1933). Mais adiante acrescenta: “Talvez seja verdade que em uma mulher, a partir da sua participação no ato sexual, a preferência por comportamentos e objetivos passivos se transforma em maior ou menor grau para outros aspectos de vida (...). Mas devemos ter cuidado, a esse respeito, para não subestimar a influência dos costumes sociais que igualmente forçam as mulheres a situações passivas” (FREUD, 1933).

Por muito tempo permaneceu a noção de que a realização natural da mulher estaria no envolvimento afetivo e na procriação. Hoje em dia essa posição é claramente criticada, sendo inegável que essas motivações e atitudes são aprendidas desde muito cedo e moldadas segundo os estereótipos aceitos por cada cultura.

É possível notar que existe uma certa preocupação em se levar em conta os determinantes sociais da situação da mulher na explicação de suas atitudes e comportamentos. A noção de traços femininos naturais está pouco a pouco sendo substituída pela hipótese de “valores e atitudes socialmente condicionados”. A denúncia crescente da situação acadêmica e profissional determinou a busca das causas desta situação, entre as quais está, certamente, o medo do sucesso descrito por Horner. Além disso, há uma tendência à utilização dos conhecimentos da psicanálise para melhor compreensão da submissão feminina (GRACIANO, 1975). E estes conhecimentos, bem como as suas contribuições, ocorrem de forma adequada, haja vista que esta explica do ponto de vista da *posição* feminina, sua relação com a submissão, através de alguns conceitos psicanalíticos como: castração, Édipo, falo, entre outros.

As preocupações em vários âmbitos no que se remete à posição feminina, seja na esfera do social, biológico ou psíquico, nos leva a uma reflexão sobre a importância da visão psicanalítica e suas contribuições acerca do tema, haja vista que é esta que vem a contribuir e esclarecer que esta posição não ocorre necessariamente só em mulheres, mas é possível ocorrer também em homens, se levando em conta os aspectos infantis subjetivos que ocorrem durante o desenvolvimento psíquico, tanto em meninas quanto em meninos e que repercutem na determinação ou não da posição feminina. E mais, que a posição feminina pode ser “ativa” ou “passiva”, como já foi visto acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias feministas são de amplo espectro.

Ilustrativamente, vale referir que enquanto nas Américas, estas teorias recebem determinadas enfoques, muito peculiares, em outras partes os estudos buscam ângulos de

aspectação tão conspícua quanto instigante são os valores do universo feminino, suas agonias, angústias mesmo, ou anseios de um modo geral, no sentido das inquietações humanas, dos desejos e das realizações.

Assim, pode-se afirmar, sem medo de retaliações, que a autoria da presente pesquisa dá-se por satisfeita, ao final da investigação.

A essência dos objetivos nucleares do assunto temático foi razoavelmente desenvolvida, mantendo-se o debate sobretudo em um bom nível plural, o que não é pouco em se considerando a tendência de particularizar-se por demais determinadas teorias e posições, toda vez que os estudos de gênero parecem sintetizar algo mais ou menos assim: nenhum dos dois (ou mais) gêneros se entrega (ao outro e a suas próprias inquietações mais profundas) e a pesquisa cotidiana, acadêmica, vai como que reproduzindo esta falta de interfaces.

Um e outro gênero, afinal, se descobrem, poderiam descobrir-se muito mais, nos sumidouros dos espelhos, dos espelhos físicos, amplamente disponíveis, e também dos espelhos psicológicos – não meramente psicanalíticos – e dos espelhos espontâneos das verdadeiras buscas espirituais para que os seres humanos se aproximem mais, e não sigam afastando-se tanto, seja em nome, tantas vezes meras situações pretextuais, da condição indicada pelo gênero, transitório afinal, ou do que seja ainda tão resiliente a ponto de nos afastarmos de tudo aquilo que podemos fazer na condição de juntos.

Para quê, mesmo, apagar a luz de tantas outras teorias caminhando em paralelo às abordagens ditas clássicas da psicanálise, quanto se tem, por exemplo, um outro imenso universo, por exemplo indicado pela denominada trilogia analítica – com notáveis pesquisadores, alguns de incomensurável pioneirismo aqui mesmo no solo brasileiro, entre outras linhas de renovação e arejamento do que iniciaram os antigos mestres, como Freud, Carl Jung e outros?

Os estudos de gênero já mostraram como as diferenças entre os sexos, estabelecidas de maneira hierárquica, são construídas historicamente e como as noções de masculino e feminino são igualmente históricas.

Ao tratarem dos temas de constituição do sujeito, subjetividade, sexualidade, os estudos de gênero passam necessariamente pelos discursos da psicanálise, reforçando a importância das traduções e viagens das teorias, na promoção dos diálogos trans e interdisciplinares.

Desde Freud sabemos que estamos diante de um conceito psicanalítico bastante complexo. Vimos ao longo deste trabalho que Freud foi o primeiro analista a oferecer às mulheres uma escuta sensível às suas angústias, descobrindo significados até então inimagináveis. Recebeu as contribuições das psicanalistas pioneiras que concordavam com suas idéias, principalmente a respeito das transferências maternas e da importância capital da relação pré-edípica com a mãe (entre elas Ruth Mack Brunswick). Alguns psicanalistas, apoiados na teoria freudiana, privilegiam a idéia do feminino como falta, carência, vazio, alteridade fora da lógica fálica, o que

lhe dá suas especificidades ao nível da sexuação (escolha de posição na partilha sexual), enquanto outros teóricos, desde os pioneiros, como Ernest Jones, Melanie Klein, Karen Horney, entre outros, procuram compreender as mulheres a partir de seus próprios padrões, não da falta, mas da presença de uma sexualidade com características próprias e não mais em referência à psicologia masculina.

Se faz necessário retomar Guignard (1999) quando enfoca a introjeção identificatória do materno e do feminino que será particularmente requerida no plano do ego corporal em relação ao destino da mulher; ressaltando então às experiências corporais específicas do sexo feminino, com o seu marcado ritmo biológico, como já foi citado acima, que têm grande influência na construção da feminilidade e que comumente são desconsideradas em muitas análises. Considero também que é de suma importância que sejam dirigidas às experiências edípicas na relação fundamental com a figura paterna para os destinos da sexualidade feminina.

É sábio Glocer Fiorini (2008), quando propõe em psicanálise a necessidade de “desconstruir as articulações freudianas: mulher=mãe; sujeito=masculino; objeto=feminino; feminino=enigma=o Outro”, a fim de que possa haver o reconhecimento de uma ordem sexual feminina com autonomia da maternidade e conseqüentemente aberta aos processos de subjetivação e da posição desejante próprios da mulher.

As enormes mudanças que ocorreram nos comportamentos e papéis das mulheres no último século, e o assombro dos homens e delas próprias em face dessas grandes transformações e dos novos papéis que a própria cultura pressiona nos dois sexos, intensificaram as investigações sobre esse tema do feminino. Porém, este estudo não tem a pretensão de encerrar o assunto, posto que o mesmo é amplo e complexo, mas serve para ponto de partida para discussões futuras.

Não somos cofres gelados, de matérias somente nos constituindo, a serem, somente isto, merecer a investigação dos roseirais de teorias psicanalíticas. Somos bem mais, muito mais: como quem está permanentemente chegando, e partindo, há outras buscas em aberto: psique, afinal, se define-se tradicionalmente como mente, ou alma, também é espírito e neste conceito, as buscas espirituais não podem prescindir da compreensão de que gênero é somente mais uma das múltiplas faces, das infinitas máscaras, vestes, roupagens, de uma essência muito mais dissociada das condições de gênero do que podemos supor.

Afinal, progredir é inerente à alma humana e as teorias psicanalíticas ainda debruçam-se por demais em aspectos meramente das contendas humanas, e por reflexo das controvérsias de gênero, talvez refugindo às máximas orientais, sintetizadas pelo pensamento de Confúcio: quanto mais se afasta de si mesmo, um ser humano do outro, afasta (mesmo) de si mesmo.

Todo leite materno é forte e adequado às necessidades dos bebês, dos recém-nascidos, mas todo sêmem masculino também incita, deseja que haja, logo adiante, um coração começando a bater mais forte, claro que no ventre da mãe, forças complementares, não opostas, agindo o tempo todo há mais de milênios. Com tanta qualidade, fruto das interfaces, das realizações

conjuntas do espírito assexuado, sem gênero previamente imposto, como não acabar bem tudo isto?

Os sentimentos honestos independem de gênero, do contrário mulheres só teriam partos de meninas e homens só semeariam meninos. Interpretar a alma humana e suas controvérsias não tem nada a ver com nos levar daqui, de abrupto, dos universos de contendas mais ou menos naturais, aceitáveis, entre os gêneros.

Onde mesmo estamos depositando o nosso amor? De onde registramos ter recebido o amor? É o que precisamos investigar, ainda muito mais, no futuro mal iniciado pela oferta da problemática trazida, com sinceridade de propósitos pela hipótese geral do trabalho, cabendo à autoria aqui articular, nestas palavras finais, ulteriormente firmado, suas próprias inquietações, ouvindo sobretudo sua própria existência, história e quase imperscrutável lenda pessoal: andar sozinha..., eu não mereço, ninguém merece.

Ainda somos crianças na compreensão dos aspectos abordados pelos denominados estudos de gênero. Para desenvolvimento futuro, por outros pesquisadores, talvez estas lacunas, aqui insinuadas, entrelinhas, possam ser retomadas, como numa corrida de passagem de bastões.

Se há um Deus, qualquer Deus, um dos seus papéis mais enigmáticos ao psiquê humano, estaria no envio, tão constante, de novos seres aos planetas e estas esferas soltas no espaço especialmente notáveis por serem habitáveis: portanto, se ao remete-los, para suas existências, se lhes atribui este ou aquele gênero, como supor que tal seria mais relevante do que tais índoles, tais destinos, tais dons, tais vivendas, tais criações, tais loucuras até?

Somos todos unidos pela sede maior, a sede de amar e de sermos amados, este sim o enfoque sábio e pioneiro das teorias e das práticas clínicas psicanalíticas, que remontam, em vestes outras, em passados muito longínquos, nada porém que alcance as origens da alma humana.

Onde poderíamos nos encontrar e encontrar melhor os outros, os semelhantes, se não através da complementariedade, cuja controvérsia ou contenda é só especiaria, tempero, precioso tempero. A alma humana, o psiquê dos gregos antigos e antes deles dos indianos, dos chineses, dos egípcios, *etc., etc.*, é reflexo das conquistas tamanhas *in origine* resultantes das trocas, mil trocas, dos gêneros mais ou menos justamente.

Mas agora é tarde à humanidade para rever tudo isto?

Identificar e fragmentar os conceitos é mais fácil do que uní-los, buscar as analogias possíveis, os significados positivos e concretos desta complementariedade tão enigmática é verdade, mas tão intrínseca ao progresso humano, representada pelos gêneros.

Há ainda muitas inversões espalhando-se por aí, como verdades absolutas, porém não representando de modo algum a totalidade do ideário psicanalítico.

Mais uma vez, esperando desenvolvimento futuro do que o presente estudo apenas alinhavou, talvez a corrente da denominada trilogia analítica, possa ser luz alternativa, para melhor dar a transparência que só a alma humana possui, porém contraditoriamente nem sempre faz brilhar.

Tão ou mais perversa do que a homofobia – fenomenologia muito recentemente pesquisada por nós todos – a heterofobia também requer estudos sistemáticos, onde estariam os mais sábios pioneiros destas possibilidades, as referências que precisamos reclamar venham ao bojo dos ambientes acadêmicos inclusive, ou sobretudo?

As guerras começam e se deflagram e se perpetuam quase sempre fruto de pequenas diferenças, ma trabalhadas.

Tantas tensões podem ser abstraídas, ou solucionadas, justamente pela dinamização das melhores interpretações, nas das mais péfidas e sectárias, que se possa elucidar acerca da complementariedade de energias, inerente aos estudos de gênero.

Será que este apelo a uma tensão irreconciliável, uma clivagem entre psicanálise e feminismo promove a mais profunda investigação da psique humana?

Pensar ao contrário não impede que se chegue, logo adiante, ao encontro (tenso e fértil) entre os campos semeados pela semente da compreensão, da criatividade e do amor, entre povos, entre classes sociais, entre comunidades inteiras, ou entre pessoas.

Não há gêneros opostos, mas em dinamização de virtudes distintas, igualmente nobres, atingindo um público mais amplo de feministas ou de psicanalistas que usualmente não estão voltados para as discussões sobre gênero.

Quem é esta "mulher" com um ponto de vista homogêneo que critica Freud, se emociona com Carl Jung e quer mais esclarecimentos, porém sem desejar jogar fora a criança com a água do banho?

Eis a articulação, afinal, da autoria da presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.** Rio de Janeiro: Records, 1997.

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Tradução de Dulce Duque Estrada. RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.

AMÂNCIO, Ligia. Gênero: representações e identidades. **Revista Sociologia, problemas e práticas**, nº 14, 1993, PP 127-140.

ARÁN, Márcia. **O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CASTRO, M. G. A dinâmica entre classe e gênero na América Latina: apontamentos para uma teoria regional sobre gênero. In: Instituto Brasileiro de Administração Municipal (RIO DE JANEIRO). **Mulher e Políticas Públicas.** Rio de Janeiro: IBAM/UNICEF, 1991. p.39-69.

COSTA, Claudia de Lima. O tráfico do gênero. **Cadernos Pagu** (11) 1998: pp.127-140.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Espaço e gênero na compreensão do processo saúde-doença da mulher brasileira. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.5, n.1, Ribeirão Preto jan. 1997.

COSTA, Claudia de Lima. **As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2000.

FREUD, Sigmund. **Dissolução do complexo de Édipo.**In: **Obras Psicológicas Completas.**v.XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

FLAX, Jane. **Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista.** In: Buarque de Hollanda, Heloisa (org.) **Pós-Modernismo e Política.** Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

PSICOANÁLISE y Feminismo. **Pensamientos Fragmentários.** Valência, España: Ediciones Cátedra; Universitat de València, Instituto de la Mujer, 1995.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: Obras Psicológicas Completas.** v.VII, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.

FREUD, Sigmund. **Projeto para uma psicologia científica. In: Obras Psicológicas Completas.**v.I, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1933.

FREUD, Sigmund. **A feminilidade. In: Obras Psicológicas Completas.**v.XXII conf.XXIII, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1931.

GILLIAN, Carol. **Uma voz diferente.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GRACIANO, Marília. Contribuições da psicologia contemporânea para a compreensão do papel da mulher. **Cadernos de Pesquisa**, 15, Fundação Carlos Chagas, 1975, p. 145-150. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/284.pdf>. Acessado em: 20 out 2009.

HOLOVKO, Cândida Sé. O feminino. **Rev. bras. Psicanál**, v.42, n.4, São Paulo, dez.2008.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Identidade, a fragmentação do conceito.** In: Leite, Alcione;Lago, Mara; Ramo, Tânia. Falas de Gênero. Florianópolis, Mulheres, 1999.

MITCHELL, Juliet. **Psicanálise e Feminismo.** Freud, Reich, Laing e mulheres. Belo Horizonte,Interlivros,1979.

POMMIER, G. **A Exceção Feminina:** os impasses do gozo. 2 ed. Tradução: Dulce M. P. Estrada. Rio de Janeiro: J.Z.E., 1991.

PSICANÁLISE da Sexualidade Feminina. Rio de Janeiro, Campus,1988.

RUBIN, Gayle. **The traffic in women: notes on “The Political Economy” of Sex.** In: Reiter, R.(ed.) Toward an anthropology of women. New York, Monthly Review Press, 1975, p. 157-210

SANTANA, Bruno Wagner D’Almeida de Souza. **Sobre o feminino.** Universidade Federal de Juiz de Fora. (s.d).